

# Miguilim: um olhar para Expe-dito<sup>1</sup>

---

Andréa Oscar

## Resumo

A literatura é uma arte que utiliza a palavra como matéria-prima. Tanto a literatura quanto a psicanálise instigam seus leitores a ler e reler um mesmo texto, levando-os, a cada momento, a descobrir novos significados e sentidos. Este trabalho tem como objetivo abordar alguns comentários sobre a novela poética *Miguilim*, de Guimarães Rosa. A linguagem oral regional, rica e ingênua do sertanejo é filtrada pelo recriar sofisticado desse autor. As considerações deste trabalho são tecidas entre o texto e a teoria psicanalítica. Guimarães Rosa instaura poeticamente essa novela, captando um sertão. É nesse sertão que a particularidade de uma criança míope de 8 anos nos é apresentada. O sintoma da criança não pode ser generalizado. A história de Miguilim faz-se no tempo. Sabemos que o inconsciente é atemporal e que há muitos sintomas infantis possíveis. A questão de Miguilim gira em torno da angústia, a ponto de padecer do corpo. Assim, o corpo, marcado por significantes, é um corpo que vai além do desejo. O desejo é justamente um limite ao gozo; ele o interdita, não permitindo que o gozo ultrapasse determinados limites. Em meio às viagens e tempestades, o protagonista-mirim vai se constituindo. É seu irmão preferido, Dito-Expedito, que o ajuda nessa travessia. A morte — encontro com o real — percorre toda a obra. O personagem-mirim caminha para o desembarço.

## Palavras-chave:

Criança; Angústia; Corpo; Significante; Outro.

## Miguilim: a look at Expe-dito

### Abstract

Literature is an art that uses the word as a raw material. Both literature and psychoanalysis instigate their readers to read and reread the same text, leading them to continuously discover new meanings and meanings. This work aims to

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no V Colóquio da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Rede Diagonal Brasil (EPFCL-RDB).

address some comments about the poetic novel *Miguilim*, by Guimarães Rosa. The regional, rich and naive oral language of the backcountry is filtered by the sophisticated recreation of this author. The considerations of this work are woven between text and psychoanalytic theory. Guimarães Rosa poetically crafts this novel, capturing the essence of the backlands. It is in this backcountry that the particularity of an eight-year-old myopic child is presented to us. The symptom of the child cannot be widespread. Miguilim's story is made in time. We know that the unconscious is timeless and there are many possible childish symptoms. Miguilim's question revolves around anguish to the point of body suffering. Thus, the body, marked by signifiers, is a body that goes beyond desire. Desire is precisely a limit to enjoyment; it interdicts him, not allowing the enjoyment to exceed certain limits. Amid travel and storms, the child protagonist is becoming. It is his favorite brother, Dito-Expedito, who helps him on this crossing. Death—encounter with the real—runs through the whole work. The child character walks to the clearance.

### **Keywords:**

Child; Anguish; Body; Signifier; Other.

## **Miguilim: un vistazo a Expe-dito**

### **Resumen**

La literatura es un arte que usa la palabra como materia prima. Tanto la literatura como el psicoanálisis instigan a sus lectores a leer y releer el mismo texto, lo que los lleva a cada momento para descubrir nuevos significados y significados. Este trabajo tiene como objetivo abordar algunos comentarios sobre la novela poética *Miguilim*, de Guimarães Rosa. El lenguaje oral regional, rico e ingenuo del campo se filtra por la sofisticada recreación de este autor. Las consideraciones de este trabajo están tejidas entre el texto y la teoría psicoanalítica. Guimarães Rosa instituye poéticamente esta novela, capturando la esencia del campo. Es en este campo que se nos presenta la particularidad de un niño de ocho años miope. El síntoma del niño no puede generalizarse. La historia de Miguilim se hace en el tiempo. Sabemos que el inconsciente es atemporal y hay muchos posibles síntomas infantiles. La pregunta de Miguilim gira en torno a la angustia hasta el punto de sufrir el cuerpo. Por lo tanto, el cuerpo, marcado por significantes, es un cuerpo que va más allá del deseo. El deseo es precisamente un límite para el disfrute; él lo interdice, sin permitir que el disfrute supere ciertos límites. En medio de viajes y tormentas, el protagonista infantil está constituyéndose. Es su hermano favorito,

Dito-Expedito, que lo ayuda en este cruce. Muerte — encuentro con el real — corre por toda la historia. El personaje infantil camina hacia la autorización.

### **Palabras clave:**

Niño; Angustia; Cuerpo; Significativo; Otro.

## **Miguilim : un regard sur Expe-dito**

### **Résumé**

La littérature est un art qui utilise le mot comme matière première. La littérature et la psychanalyse incitent leurs lecteurs à lire et à relire le même texte, les conduisant à chaque instant pour découvrir de nouvelles significations et significations. Ce travail vise à aborder certains commentaires sur le feuilleton poétique *Miguilim*, par Guimarães Rosa. Le langage oral régional, riche et naïf de l'arrière-pays est filtré par la récréation sophistiquée de cet auteur. Les considérations de ce travail sont tissées entre le texte et la théorie psychanalytique. Guimarães Rosa institue poétiquement ce feuilleton, capturant un arrière-pays. C'est dans cet arrière-pays que la particularité d'un enfant plus court à huit ans nous est présenté. Le symptôme de l'enfant ne peut pas être répandu. L'histoire de Miguilim est faite à temps. Nous savons que l'inconscient est intemporel et qu'il existe de nombreux symptômes enfantins possibles. La question de Miguilim tourne autour de l'angoisse au point de souffrir du corps. Ainsi, le corps, marqué par des signifiants, est un corps qui va au-delà du désir. Le désir est précisément une limite au plaisir ; il l'interdit, ne permettant pas à la jouissance de dépasser certaines limites. Au milieu des voyages et des tempêtes, le protagoniste de l'enfant constitue. Il est son frère préféré, a déclaré-expédious, qui l'aide à cette traversée. La mort — rencontre avec le vrai — traverse tout l'œuvre. Le personnage de l'enfant se dirige vers l'autorisation.

### **Mots-clés :**

Enfant ; Angoisse ; Corps ; Significatif ; Autre.

A literatura é uma arte que utiliza a palavra como matéria-prima. Tanto a literatura quanto a psicanálise incitam seus leitores a ler e reler um mesmo texto, levando-os, a cada momento, a descobrir significados e sentidos. Arte e sintoma se enlaçam como artefatos em oposição à uniformização. A obra poética *Miguilim* encanta, uma vez que a criança vai “cavando”, “percorrendo” e “constituindo-se”. A linguagem regional, rica e ingênua do sertanejo é filtrada pelo criar sofisticado

desse autor. Guimarães Rosa instaura poeticamente essa novela, captando um sertão. É nesse “sertão-tempo” que a particularidade de uma criança de 8 anos é retratada. A história de Miguilim faz-se no tempo. Sabemos que o inconsciente é atemporal. O que está em questão com a expressão “criança generalizada” é a relação do sujeito com o gozo. O que separa a criança do adulto não é a cronologia, mas, sim, a responsabilidade do sujeito com seu modo de gozo. Vivemos na era da infância generalizada, no caminho da segregação, como profere Lacan (1967/2003, p. 367) — um caminho em que a criança é “reduzida a objeto”. Nessa obra, é apresentada uma criança que percorre o caminho do desembaraço em sua particularidade. A idade do sujeito, para a psicanálise, depende da demanda mesma, e os sujeitos têm a idade de sua demanda. Deparamo-nos com um menino criativo e sensível, que inventa histórias para si mesmo e faz travessias. Travessias que nos convidam a reflexões sobre a particularidade do sintoma na trama familiar, em oposição ao discurso homogeneizante de nossa época. Há certo Miguilim...

Miguilim constrói-se a partir da linguagem em meio às várias tempestades e viagens. Em sua cidade, chamada de Sucuriju, dá o primeiro passo. Mas é Mutum seu lugar de morada. Mutum designa ave forte com asas curtas e que se desloca com passos rápidos. De sua mãe, Miguilim herda o hábito de “olhar para dentro” — a tristeza. De “bobo” a “ladino”. É nesse pequeno mundo que Miguilim sente medo — “sufoco”. Esse significante aparece inscrito no corpo em alguns momentos: sente saudade — uma saudade tão forte, que o deixa sufocado. A angústia parece melhorar um pouco com cuspe ou água no nariz, mas também no diálogo com o irmão mais novo, Dito: “O mole judiado vai ficando forte, mas muito mais forte! Trastempo, o bruto vai ficando mole, mole...” (Rosa, 2011, p. 110).

Há muitos sintomas infantis possíveis, não podemos generalizar. A questão de Miguilim gira em torno da angústia, a ponto de padecer do corpo. Questiona o porquê de sua mãe viver triste. Parece procurar sentido diante da angústia a partir dos questionamentos e “entende tudo tão depressa que custa entender” (Rosa, 2011, p. 36). Mutum, para a mãe, era feia e triste, assim como para o filho. Soler (2005, p. 103), em seu texto “A angústia da mãe”, indaga qual é o valor da mãe para a humanização de um filho. Partindo dessa indagação, ela nos diz que é preciso um limite para a metonímia da fala, assim como para a opacidade do Outro absoluto. Assim, a criança pode ser inscrita em um desejo particularizado. Miguilim caminhava no sentido de ressignificar o lugar de origem (Mutum) nessa travessia. Miguilim tinha tempestades.

Miguilim, após um conflito dos pais, adocece. Aparece o sintoma. Sentia-se “sufocado debaixo do seu coração”. Aparece o medo, muitas vezes não do pai, mas do nada, e o corpo para. Sente medo e refugia-se na tulha — “cova onde se comprime

a azeitona” (Rosa, 2011, p. 51). Nessa cova, o gato sossonho aparece. Em seu luto, Miguilim chorava simples — “era só a diferença toda das coisas da vida” (Rosa, 2011, p. 75). Soler (2001-2002/2009, p. 220), em *O em-corpo do sujeito*, menciona a ideia do corpo como prisão da verdade: “o sintoma que tem a verdade como causa é a concepção de um sintoma — mensagem em suspenso, à espera de um bom entendedor. O sintoma mensagem é uma maneira particular de fazer existir o Outro com seu sentido”. Sabemos que o inconsciente afeta o corpo. O corpo, marcado por significantes, é um corpo que vai além do desejo. Desejo justamente como limite ao gozo; ele o interdita, não permitindo que o gozo ultrapasse determinado limite. Percebe-se o sintoma como uma verdade que se exila no corpo. Em seu seminário, Lacan (1957/1958/1999, p. 399) evidencia como o Outro funciona como um terceiro que autentica o sentido e a presença de um sujeito desejante. A mensagem encontra o Outro como um lugar do significante. O sintoma apresenta diferentes matizes em cada criança. Sintoma no sentido de representação da verdade. A constituição subjetiva não é da ordem da satisfação das necessidades, pois implica um resíduo e diz do desejo. Miguilim, em seu complexo familiar, vivencia momentos de angústia e luto. Há algo da ordem do indizível diante do trabalho de luto. Mas Miguilim tem o querido irmão, que, embora mais novo cronologicamente, era “pessoinha velha, muito velha em nova” (Rosa, 2011, p. 39).

É o irmão preferido, de apelido Dito — Expedito Cessim Caz —, que o ajuda em sua travessia. Dito, pelo olhar de Miguilim, era “pessoa melhor”. Expedito significa ativo, desembaraço. Dito é voltado para fora e para dentro por meio do olhar atento do personagem-mirim — “Dito sabe tudo que acontece, fala com cada pessoa como se fosse diferente” (Rosa, 2011, p. 124). Dito representa a palavra — palavra dita e compreendida. O complexo familiar se delinea, e Miguilim vivencia o sufocamento. Há um tempo de ver e compreender. O trio amoroso pai-mãe-tio aparece. A decisão de não entregar o bilhete do tio à mãe demarca um posicionamento subjetivo. Lacan nos apresenta o tempo. Não o tempo linear e contínuo, mas um tempo denominado lógico, constituído por três tempos: tempo de ver, instante de compreender e momento de concluir. O tempo lógico faz corte entre o dito e o dizer, entre aquilo que se diz e aquilo que se ouve por detrás do dito. A recusa da entrega do bilhete do tio parece demarcar um desembaraço. O dilema é só. Cegueira e embaraço conotam dupla função. Miguilim constitui-se como sujeito e vai se desembaraçando. Temos o corpo como a marca da linguagem. Linguagem que dá corpo ao corpo. A pulsão como eco no corpo do fato que há um dizer. Personagem de vistas curtas, mas passos rápidos. Miguilim “bebia um golinho de velhice” (Rosa, 2011, p. 108). Lacan (1962-1963/2005, p. 178) nos diz que a angústia é o desejo do Outro e funciona como um sinal, sendo da ordem da irreducibilidade do real. A existência da angústia está ligada a que toda a deman-

da, mesmo a mais arcaica, tem sempre algo de enganoso em relação àquilo que preserva o lugar do desejo. No momento de angústia e aprisionamento na cova, seu Aristeu aparece e faz Miguilim “aprumar o corpo”, trazendo a cura — psíquica. Por versos e dança, trouxe acolhida. Trouxe a palavra. Seu Aristeu parecia desinventado de uma estória: “Escuta, meu Miguilim, você sarou foi assim, sabe: eu vou e vou e vou e volto! Porque se eu for, porque se eu for hei de voltar” (Rosa, 2011, p. 78). Há uma quebra do silêncio no corpo. E, assim, seu Aristeu morou em seus pensamentos.

A morte — encontro com o real — percorre a obra. A morte de Dito é quase a morte dele próprio. Há tempos de doer. Com a morte do irmão, desengolia da garganta um desespero sufocante. O corpo novamente padece. O real dá medo, por ser impossível de ser decifrado. Miguilim elaborava o luto. Chorou muito, para não ficar sozinho. Precisou repetir, repetir — precisava “guardar”, “decorar” e “ressofrer”. Sabemos que, diante do luto, o sujeito precisa contar, contar e recontar. Solicitava à mãe falar de Dito. Sabemos que o sujeito constitui-se contando e recontando. O corpo sufocado precisou engrossar e falar. Precisou não parar. O pai convoca-o ao trabalho. Miguilim desloca-se — mesmo com as asas curtas. Por meio da memória, incorpora lembranças, pois precisava lembrar bem de todas as coisas de Expedito, pois ele dormia sem adormecer.

Miguilim inventa-cria-recria após o luto. Do medo de cobra, vaca à lembrança da cadela cuca pingo de ouro. Aproximava-se das fábulas. Vira ladino. Lembra, reconta, reconstruindo-se e desembaraçando. Em sua contingência, percorre soluções singulares. Perda e ganho em um só momento. É sobre o saber de perda e morte que descobre a si mesmo. Incorpora Dito, para enfrentar a morte também do pai e a possibilidade de sua própria morte. Soler (2005, p. 104) faz menção à entrada da criança na estrutura da fala e que é preciso “cavar” suficientemente o intervalo signifiante para ela fazer sua oferta, sendo o encontro com o enigma do Outro decisivo. E, por menos que esteja saturada, toda criança, com efeito, faz questão de estabelecer sua própria leitura do dito do Outro. Criança sensível e inquiridora leu o dito — passou a desvendar. Uma possível identificação com o traço do Outro — Outro como lugar do signifiante. Dito, em seu olhar, “era mais enxergado”. No decorrer da obra, Miguilim parece descobrir-se, ex-sistir a partir do olhar-olhar para o Dito. Parece separar-se do irmão mais novo, constituindo-se: “não tinha o poder de imitá-lo”, mas escutou: “a gente mesmo tem culpa de tudo, de tudo que padece” (Rosa, 2011, p. 132). Olhou com *expertise*.

A cadelinha cega mais saudosa de Miguilim surge nas últimas palavras do irmão, e Miguilim dita e recria. Começa a tirar histórias da cabeça dele mesmo. Morre o Dito, mas aparece o sujeito. Sabemos, com Lacan, que o sujeito, sendo determinado, inicialmente, pelos significantes que se encontram nesse lugar psíquico que é do

Outro, não tem identidade própria — o sujeito é um furo no conjunto da linguagem, deslizando nas cadeias significantes. O sujeito constrói e organiza-se mediante esse desejo do Outro. Há uma perda de objeto. Sabemos que as perdas simbólicas relacionadas com a estrutura da infância precisam ser elaboradas. Há um trabalho de luto por fazer, de sua posição infantil e das figuras idealizadas.

Ao olhar materno, Miguilim passa de “bobo” a ladino. Lacan (1964/1985, p. 209), no seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, ressalta:

Uma falta é, pelo sujeito, encontrada no Outro, na intimação mesma que lhe faz o Outro por seu discurso. Nos intervalos do discurso do Outro, surge na experiência da criança o seguinte, que é radicalmente destacável — ele me diz isso, mas o que é que ele quer? O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro. Pela função do objeto *a* o sujeito se separa. O traço unário, no que o sujeito a ele se agarra, está no campo do desejo, o qual só poderia de qualquer modo constituir-se no reino do significante.

E sob o olhar paterno? Parece que é pelo olhar de Miguilim que o pai transcende. O pai, depois de quebrar os brinquedos e soltar os passarinhos, impõe o contato concreto com a terra — o mundo do trabalho. Lacan (1972/1973/1985, p. 130), em seu seminário *Mais, ainda*, institui o Outro como lugar de saber. Mas um saber hiante, uma vez que sugere que o Outro castrado sabe, mas nada sabe da verdade do desejo, da castração que concerne a um ponto opaco em seu saber. E é esse ponto de falta em seu saber que remete à verdade da castração que o Outro transmite ao sujeito. Saber inconsciente. Lacan em seu seminário *Mais, ainda*, faz esta ressalva:

(...) será que a gente se dá conta de que é o Outro? — tal como de começo o coloquei, como o lugar onde o significante se coloca, e sem o qual nada nos indica que haja em parte alguma uma dimensão de verdade, uma dimensão, a resistência do dito, desse dito cujo saber põe o Outro como lugar. O estatuto do saber implica, como tal, que já há saber e no Outro, e que ele é a aprender, a ser tomado. É por isso que ele é feito de aprender. (Lacan, 1972-1973/1985, p. 130)

Em sua convalescença anterior à morte do pai, o personagem faz a transposição do pai de “jagunço do mau” a braveza”. Mas, dessa vez, por amor dele, Miguilim. Miguilim elaborava, expiava, caminhava, desembaraçava...

A *posteriori*, em meio a tantas tempestades, o pai morre. O tempo de um embaraço necessário, que diz do tempo para compreender, é ineliminável. Essa pas-

sagem parece dar-se em um instante conclusivo. O saber se produz. Chorava a morte do pai devagar. Devagar, para a cabeça não doer. Nesse momento de elaboração do luto paterno, seu Aristeu ressurgiu com o grande favo de mel, e Miguilim indaga: “Miguilim você carece de ficar alegre. Tristeza é agouria. Foi o Dito quem ensinou isso ao senhor, seu Aristeu? Foi o sol, mais as abelhinhas, mais minha riqueza enorme que ainda não tenho, Miguilim” (Rosa, 2011, p. 119). Miguilim expiava na dúvida.

Miguilim caminhou para o desembaraço. Algo anterior à chegada dos óculos trazidos pelo doutor Lourenço. Lourenço significa natural de Laurento, cidade italiana próxima ao mar, chamada hoje de Paterno... Paterno... A partir dos óculos emprestados, avistava mais coisas que o olhar dele não dava. No momento da partida, olhou mais era para a mãe. Era preciso saber das coisas das pessoas grandes. Tempos de olhar. Talvez tempo de compreender. O corpo parece descansar. Mutum passa ser visto de perto — mais enxergado. A partir dos óculos, algo do indefinido ganha contorno. Assim, animoso, decidia distanciar. É preciso viajar. Acertar no sentir. Desengolir da garganta e caminhar. Cabacinha de água na garganta e sandálias do Dito nos pés. Caminhar em direção ao mar.

## Referências bibliográficas

- Ferreira, A. B. H. (2000). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1976). O inconsciente. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1976). Mais além do princípio do prazer. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1949)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1957-1958)

- Lacan, J. (2002). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1985)
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre as psicoses da criança. In J. Lacan. *Outros escritos* (V. Ribeiro, Trad.) (pp. 359-368). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Rosa, J. G. (2011). *Manuelzão e Miguilim (corpo de baile)* (11a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Soler, C. (2009). *O em-corpo do sujeito* (G. Pamplona, S. Magalhães, C. Oliveira, & E. Saporiti, Trad.). Salvador: Ágalma. (Trabalho original publicado em 2001-2002)
- Soler, C. (2005). *O que Lacan dizia das mulheres* (V. Ribeiro & M. A. C. Jorge, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar.

**Recebido:** 29/04/2025

**Aprovado:** 22/07/2025